

Interrupções Incômodas ou Intervalos Benéficos?

Leitura Bíblica 17

- VI. DA TERCEIRA PÁSCOA À CHEGADA DE JESUS A BETÂNIA.
- A. A terceira Páscoa (veja João 6:4; 7:1).
 - B. Reprovado por desrespeitar a tradição (Mateus 15:1–20; Marcos 7:1–23).
 - C. Retirada do território de Herodes (Mateus 15:21; Marcos 7:24).
 - D. Cura da filha de uma fenícia (ou cananéia) (Mateus 15:22–28; Marcos 7:25–30).
 - E. Evitando o território de Herodes (Mateus 15:29; Marcos 7:31).
 - F. Curando muitos, inclusive um surdo (Mateus 15:30, 31; Marcos 7:32–37).
 - G. Alimentando quatro mil homens (Mateus 15:32–39a; Marcos 8:1–9).

INTRODUÇÃO

Eu não reajo muito bem a interrupções. Gosto de planejar cada dia. Gosto até de planejar cada semana, mês e ano. Sei o que preciso fazer e aproximadamente quanto tempo levará para realizar cada tarefa. Não há espaço na minha agenda para interrupções. Por isso quando aparece uma interrupção—e elas inevitavelmente aparecem—isto me frustra.

Lutei com isto especialmente durante os quarenta anos em que servi como pregador em tempo integral. Os livros sobre o trabalho de um evangelista dizem que a agenda de cada dia deve permitir um tempo para interrupções. Os autores desses livros salientam que as interrupções muitas vezes produzem mais frutos para o Senhor do que os eventos planejados. Mesmo sabendo da veracidade disso, eu agendava muitas coisas para um só dia—e me aborrecia quando era interrompido.

Nesta lição, veremos como Jesus lidou com as interrupções. Convém lembrarmos que, após o sermão do pão da vida, “muitos dos seus discípulos o abandonaram e já não andavam com ele” (João 6:66). Daquele momento em diante, Cristo dedicou-se mais à preparação dos doze para o período em que Ele já não estaria com eles. Ao fazer a leitura bíblica sugerida, verá o Senhor retirando-se vez após vez da Galiléia. Um dos objetivos dessas retiradas era evitar conflito com Seus inimigos, mas um outro objetivo era passar tempo com os apóstolos. Todavia, Jesus foi constantemente impedido de atingir esse propósito: Ele foi interrompido tanto por amigos como por inimigos. Esta lição descreve como Ele conseguiu transformar essas interrupções incômodas em intervalos benéficos.

INTERROMPIDO POR CRÍTICAS (MATEUS 15:1–20; MARCOS 7:1–23; VEJA JOÃO 6:4; 7:1)

Quando João relatou a multiplicação aos cinco mil, ele escreveu: “Ora, a Páscoa, festa dos judeus, estava próxima” (João 6:4). Se a “festa dos judeus” em João 5:1 era a Páscoa, a festa mencionada em 6:4 seria a terceira Páscoa dentro do Livro de João.

Muitos escritores (talvez a maioria) acreditam que Jesus não compareceu à Páscoa de João 6:4, sobretudo por causa de João 7:1, que diz: “Passadas estas coisas, Jesus andava pela Galiléia, porque não desejava percorrer a Judéia, visto que os judeus procuravam matá-lo”. Se Jesus *de fato* compareceu à festa—e estou inclinado a crer que Ele compareceu¹—Ele o fez de maneira silenciosa e secreta (compare com João 7:10). Não temos registro de nenhum acontecimento ocorrido em Jerusalém relacionado a essa Páscoa.

No que diz respeito a esta série de lições, o propósito principal da referência à Páscoa em João 6:4 é nos ajudar a definir a cronologia da vida de Cristo. Dessa Páscoa até cerca de seis meses depois, situa-se o estágio final do grande ministério na Galiléia², um estágio que se caracteriza por uma série de retiradas dessa província.

¹João 7:1 parece estar relacionado não tanto a João 6:4 quanto à seção subsequente. Jesus disse a Seus irmãos que Ele não planejava ir à Festa das Cabanas (ou Tabernáculos).

²Se quiser, faça uma revisão do esboço básico da vida de Cristo na página 8 de “A Vida de Cristo—Parte 1”.

Uma Interrupção Incômoda

Esta lição começa com Jesus ensinando na Galiléia, quando chega uma comissão de fariseus e escribas vindos de Jerusalém³. Eles não hesitaram em interromper Cristo. Marcos 7:1 diz que eles “se reuniram a Jesus”. Imagine esses homens abrindo caminho por entre a multidão até cercarem Jesus e depois gritarem na frente dEle. Desta vez, traziam uma alegação nova: os discípulos de Jesus comiam sem lavar as mãos, quebrando assim uma antiga tradição. Os fariseus consideravam essas tradições tão sagradas quanto a própria lei de Moisés.

Um Intervalo Benéfico

Cristo transformou aquela interrupção incômoda num intervalo benéfico usando-a como uma oportunidade para ensinar lições necessárias sobre tradições criadas por homens. Primeiramente, Ele Se dirigiu aos acusadores, advertindo-os severamente dos perigos das tradições não-inspiradas. Jesus enfatizou que tais tradições eram “preceitos de homens” (Marcos 7:7), e não de Deus. Ele acusou os fariseus de transgredirem “o mandamento de Deus, por causa da... tradição [deles]” (Mateus 15:3). O Mestre ilustrou isto com uma antiga tradição criada por homens pela qual era permitido que o judeu “ofertasse a Deus” (veja Marcos 7:11 e Mateus 15:5) tudo ou parte do seu dinheiro, dizendo depois aos pais idosos e necessitados: “Sinto muito, mas não temos permissão para usar esse dinheiro para ajudar vocês”⁴.

A seguir, Jesus voltou-se para a multidão praticamente dizendo que, por mais antiga e sagrada que fosse a tradição de lavar as mãos, seu princípio básico era incorreto: “não é o que entra pela boca o que contamina o homem [isto é, o torna cerimonialmente imundo], mas o que sai da boca [isto é, as palavras do homem], isto, sim, contamina o homem” (Mateus 15:11). É preciso entendermos que a questão não era higiene, e sim contaminação cerimonial. Mais tarde, Pedro pediu uma explicação, e Cristo o atendeu:

Não compreendeis que tudo o que entra pela boca desce para o ventre e, depois, é lançado em lugar escuso? Mas o que sai da boca vem do coração, e é isso que contamina o homem. Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias. São estas as coisas que

³Veja uma exposição mais completa desse incidente nos próximos sermões desta edição.

⁴Até onde sabemos, os fariseus nunca mais tornaram a usar essa acusação contra Jesus e Seus discípulos. Com certeza, ela não foi citada no julgamento de Jesus.

contaminam o homem; mas o comer sem lavar as mãos não o contamina (Mateus 15:17–20).

Quando Jesus estava finalmente sozinho com os apóstolos, Ele os ensinou. Jesus advertiu-os contra o perigo dos próprios fariseus⁵. Comparou os ensinamentos dos fariseus a ervas daninhas ou joio a ser arrancado por Deus (Mateus 15:13). Jesus também Se referiu a esses líderes religiosos como guias cegos de cegos⁶ (aqueles que seguiam os ensinamentos deles sem questionar)⁷. Essas lições eram necessárias—lições decorrentes de uma interrupção.

Sempre que se tenta fazer algo para o Senhor, há uma forte possibilidade de surgirem críticas. Alguém disse que a única maneira de evitar críticas é não fazer nada e não ser ninguém. Quando você estiver dando o máximo de si e for interrompido por críticas, poderá reagir de várias maneiras: ter pena de si mesmo, como fazem muitos de nós; desistir, como fazem alguns ou tirar o melhor proveito disso, como Cristo fez.

Quando críticas interceptarem o seu caminho, veja primeiramente se há algo de verdadeiro nelas (pela minha experiência, sempre há). Depois, analise se uma resposta ou explicação de fato servirá para um bom propósito. Por fim, retome o que estava fazendo, decidido a continuar dando o máximo de si para o Mestre. Se você reagir dessa maneira, também conseguirá transformar esse tipo de interrupção incômoda num intervalo benéfico.

INTERROMPIDO POR UM CLAMOR (MATEUS 15:21–28; MARCOS 7:24–30)

Após essa colisão com Seus inimigos, Jesus “retirou-se para os lados de Tiro e Sidom” (Mateus 15:21). Sugerimos anteriormente que um dos possíveis objetivos dessa retirada era afastar-se dos fariseus, mas o propósito principal era, evidentemente, estar a sós com os doze⁸. A crescente hostilidade dos Seus oponentes tornou ainda mais imperativo que Jesus preparasse os apóstolos para o dia em que Seus adversários O matariam.

Até onde sabemos, essa foi a primeira vez que Jesus pisou em solo estrangeiro. Tiro e Sidom eram

⁵As advertências de Jesus aos apóstolos acerca do perigo dos fariseus continuariam—como veremos na próxima lição (veja Mateus 15:39–16:12; Marcos 8:10–21).

⁶Jesus já havia usado essa analogia antes (Lucas 6:39) e tornaria a usá-la (Mateus 23:16, 24).

⁷Veja “Quando os Fariseus se Ofenderam”, na página 43.

⁸Alguns escritores sugerem que Jesus teria ido à Fenícia com propósitos evangelísticos, mas Marcos 7:24 e Mateus 15:24 indicam que não era esse o caso.

idades costeiras da antiga terra da Fenícia⁹. A Fenícia era uma faixa estreita de terra situada no canto nordeste do mar Mediterrâneo, a noroeste da Galiléia. Nos dias de Cristo, ela fazia parte da província romana da Síria.

Uma Interrupção Incômoda

Quando Jesus chegou às “terras de Tiro”, Ele entrou “numa casa”, querendo manter Sua presença em secreto, mas “não pôde ocultar-se” (Marcos 7:24). Vimos numa lição anterior que a notícia do ministério de Cristo chegou até “os arredores de Tiro e de Sidom” (Marcos 3:8). Não demorou muito, portanto, para o Senhor ser interrompido por alguém que buscava Sua ajuda: “porque uma mulher, cuja filhinha estava possessa de espírito imundo, tendo ouvido a respeito dele, veio e prostrou-se-lhe aos pés. Esta mulher era grega, de origem siro-fenícia” (Marcos 7:25, 26a). O termo “siro-fenícia” distinguia os fenícios de outros cidadãos da província Síria.

A mulher clamou: “Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de mim!” (Mateus 15:22a). “Filho de Davi” era um termo israelita para o Messias. A esperança dos judeus infiltrara-se nas nações circunvizinhas¹⁰. Disse ela a Jesus: “Minha filha está horrivelmente endemoninhada” (Mateus 15:22b). Marcos enfatizou que a mulher “rogava-lhe [ação contínua] que expelisse de sua filha o demônio” (Marcos 7:26b; grifo meu). Segundo Mateus, ela vinha “clamando atrás” dos apóstolos (Mateus 15:23). Aquela era uma mãe persistente e *clamorosa*. A filhinha precisava de ajuda, e ela queria que todos soubessem disso. Se você já teve um filho pequeno seriamente doente, tem condições de se compadecer dela.

Um Intervalo Benéfico

A conversa que se seguiu entre Jesus e a mulher é uma das mais dramáticas e intrigantes dos relatos do evangelho. Superficialmente, parece que Cristo a insultou de propósito. No começo, Ele a ignorou, e Seus discípulos tentaram livrar-se dela¹¹ (Mateus 15:23). Quando finalmente Ele falou com a mulher, disse: “Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mateus 15:24).

Nada deteve aquela mãe desesperada. Ela continuou implorando: “Senhor, socorre-me!” (Mateus 15:25). Jesus respondeu: “Deixa primeiro¹² que se fartem os filhos, porque não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos” (Marcos 7:27). “Os filhos” nessa frase são obviamente os judeus—o que coloca os gentios como “cachorrinhos”. Você gostaria de ser chamado de “cachorrinho”? Se eu fosse essa mulher, estaria tentado a sair batendo os pés de raiva! Ao contrário disso, ela deu uma resposta inteligente: “Sim, Senhor; mas os cachorrinhos, debaixo da mesa, comem das migalhas das crianças” (Marcos 7:28) “que caem da mesa dos seus donos” (Mateus 15:27).

Quando visualizo essa cena, vejo um sorriso se abrindo no rosto de Jesus enquanto Ele responde: “Ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se contigo como queres. Por causa desta palavra, podes ir; o demônio já saiu de tua filha” (Mateus 15:28a e Marcos 7:29). Mateus escreveu que “desde aquele momento, sua filha ficou sã” (Mateus 15:28b). Marcos registrou que, voltando para casa, a mulher “achou a menina sobre a cama [sem dúvida, exausta devido à experiência traumática], pois o demônio a deixara” (Marcos 7:30). Como eu gosto dessa história!

Além de dramático e fascinante, esse episódio nos deixa perplexos. Os comentaristas esforçam-se para conciliar as palavras usadas por Jesus com o que sabemos sobre o Seu caráter e propósito. Alguns destacam que as palavras de Cristo podem ter um valor aparente. Ele realmente fora enviado “às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mateus 10:6). Mais tarde, “outras ovelhas, não deste aprisco [isto é, os gentios]” seriam chamadas para que judeus e gentios formassem “um rebanho” aos cuidados do Bom Pastor (João 10:16)¹³. Nesse ínterim (reforçamos comentaristas), Jesus estava decidido a não deixar que nada O impedisse de realizar Seu propósito principal (Mateus 10:5). Creio que o foco de Jesus nesse propósito foi um fator determinante para a Sua resposta inicial¹⁴, mas com certeza essa não é toda a explicação. Jesus já havia respondido positivamente antes ao clamor por ajuda expresso por um

⁹Tiro e Fenícia desempenharam um papel importante na história do povo judeu—tanto no sentido positivo quanto no negativo.

¹⁰Compare esta expressão com o uso que a samaritana fez da palavra “Messias” em João 4:25.

¹¹Essa era a “solução multifuncional” deles para problemas desagradáveis (veja Mateus 14:15). À luz de Mateus 15:24, eles poderiam estar sugerindo que Jesus desse o que ela queria para que ela fosse embora e os deixasse em paz.

¹²A palavra “primeiro” indica que os gentios *teriam* uma oportunidade *mais tarde*—o que de fato aconteceu.

¹³Isto aconteceu quando Cristo anunciou a grande comissão de levar o evangelho a todas as nações (Mateus 28:18–20; Marcos 16:15, 16).

¹⁴Jesus poderia facilmente ter sido bombardeado por pedidos de ajuda na Fenícia, contrariando o que Ele desejava realizar ali.

gentio (Mateus 8:5–13). Além disso, após Ele sair da região de Tiro, Ele curaria muitos gentios¹⁵.

Não é exagero reforçar que, quando avaliamos por que Cristo falou da maneira que Ele falou, não devemos levantar a hipótese de qualquer preconceito da parte de Jesus contra os gentios. Ele não sofria do preconceito típico dos judeus contra outras raças (veja Lucas 2:32; Mateus 8:10–12; 12:18, 21).

Outros comentaristas destacam o fato de que não sabemos *como* Cristo proferiu as palavras dirigidas à mulher. Eles ressaltam que, via de regra, Jesus adaptava Sua abordagem ao caráter do Seu interlocutor¹⁶. Sugerem, então, que houve um diálogo intencionalmente vívido entre o Senhor e uma mulher com raciocínio rápido e senso de humor. Não tenho problema em imaginar Jesus falando ligeiramente. Ele deve ter até sorrido no fim da conversa. Mas há outros aspectos na história além deste.

Vamos propor uma outra possibilidade para a resposta de Cristo ao pedido da mulher. Uma vez que, no final da história Jesus curou a menina, creio que essa sempre foi a intenção dEle. Além disso, o propósito de Suas palavras no final da conversa pareceu ser elogiar a fé da mulher: “Ó mulher, grande é a tua fé!” (Mateus 15:28a). B. S. Dean escreveu: “A fé dela, tão humilde, tão insuperável, deve ter proporcionado refrigério depois da hipocrisia dos fariseus e da leviandade dos galileus”¹⁷. Jesus só elogiou a fé de dois indivíduos—e ambos eram gentios: a mulher siro-fenícia e o centurião romano (Mateus 8:10; Lucas 7:9).

Em outras palavras, um dos propósitos das aparentemente duras palavras de Jesus pode ter sido demonstrar aos apóstolos a profundidade da fé daquela mulher. Tenhamos em mente que o Senhor conhecia o coração dela (João 2:25) e, portanto, a fé dela. Consideremos a seguinte possibilidade: Jesus transformou uma interrupção incômoda num intervalo benéfico usando a ocasião como tema de uma lição para os apóstolos relativa ao tipo de fé que eles precisariam ter no futuro¹⁸. Ele sabia das tribulações que sobreviriam aos doze (Mateus 10:17, 18, 21, 22, 24, 25). O único meio de serem vencedores seria desenvolvendo o tipo de fé que a mulher tinha: uma

¹⁵Na próxima seção desta lição apresentaremos mais explicações para isto.

¹⁶Coloque Sua abordagem ao líder judaico de João 3 em contraste com a abordagem à samaritana de João 4.

¹⁷B. S. Dean, “Esboço da História do Novo Testamento”, *A Verdade para Hoje*, p. 19.

¹⁸Existe também a forte possibilidade de que toda vez que Jesus ajudava um gentio, Ele estava plantando a idéia de que Deus também se interessa pelos não-judeus.

fé que se recusava a ser dissuadida ou intimidada (1 João 5:4). Cada um de nós precisa aprender esta lição.

Por vezes, é possível que você esteja envolvido numa causa digna quando é interrompido por um pedido de ajuda que tem pouco ou nada a ver com o que você está fazendo. Quando isso acontecer, avalie como você pode aproveitar essa interrupção e usá-la de um modo positivo. Como já foi observado, o resultado final pode trazer mais glória para o Senhor do que aquilo que você planejava fazer inicialmente.

INTERROMPIDO POR UMA MULTIDÃO

(MATEUS 15:29–31; MARCOS 7:31–37)

Quando Jesus e Seus discípulos finalmente saíram de Tiro, eles não voltaram imediatamente para a Galiléia. Em vez disso, ainda evitando o território de Herodes¹⁹, rumaram para o norte até Sidom, depois para o leste, passando para o outro lado das montanhas e da nascente do rio Jordão, e descendo finalmente para o sul, contornando a costa oriental do mar da Galiléia até chegarem a uma região deserta (Marcos 8:4) no “território de Decápolis” (Marcos 7:31)²⁰.

Uma Interrupção Incômoda

Quando o Senhor chegou ao Seu destino, Ele subiu a encosta de uma montanha e sentou-Se (Mateus 15:29), sem dúvida para ensinar Seus discípulos²¹. E mais uma vez, Ele foi interrompido: “E vieram a ele muitas multidões trazendo consigo coxos, aleijados, cegos, mudos e outros muitos e os largaram²² junto aos pés de Jesus” (Mateus 15:30a).

Nesse mesmo território Jesus havia curado dois endemoninhados, sendo depois convidado a retirar-Se da região (Marcos 5:17). Ele havia instruído um dos homens curados a anunciar como o Senhor fora misericordioso com ele (Marcos 5:19). Imediatamente, o homem “começou a proclamar em Decápolis

¹⁹Algumas harmonias dos evangelhos chamam isto de Sua “segunda retirada da Galiléia” e outras preferem referir-se a esse episódio como Sua “terceira retirada da Galiléia”, apesar de Jesus não ter partido da Galiléia para Decápolis e, conseqüentemente, não estar fazendo uma “retirada”. É irrelevante o fato daquela partida ser ou não uma “retirada”—e se foi, qual o seu número. Basta sabermos que, durante esse período, Cristo evitou o território de Herodes.

²⁰Decápolis está indicada no mapa da página 16.

²¹Naqueles dias, a posição de sentado era usada na hora do ensino (Mateus 5:1, 2).

²²O texto original contém de fato essa expressão, mas não devemos presumir que estivessem maltratando os doentes. Essas palavras na verdade indicam a pressa e a preocupação deles.

tudo o que Jesus lhe fizera” e todos que o ouviam se admiravam (Marcos 5:20). A eficácia da mensagem do homem é evidenciada pelos milhares (Marcos 8:9) que agora vinham buscar ajuda oriundos de todo o território (Marcos 8:3). Antes, moradores daquela região disseram a Jesus: “Vá embora!” Agora, o povo estava suplicando: “Ajude-nos!”

Um Intervalo Benéfico

Se Cristo ficou frustrado com essas contínuas interrupções, Ele não o demonstrou. Nessa ocasião, Ele transformou a interrupção numa oportunidade para direcionar os corações de um numeroso público gentio²³ para o Deus vivo e verdadeiro: “...e ele os curou. De modo que o povo se maravilhou ao ver que os mudos falavam, os aleijados²⁴ recobravam saúde, os coxos andavam e os cegos viam. Então, glorificavam ao Deus de Israel²⁵” (Mateus 15:30b, 31).

Marcos registrou um incidente específico: a cura de “um surdo e gago”²⁶ (Marcos 7:32).

E, tirando-o à parte de entre a multidão, pôs-lhe os dedos nos ouvidos e, cuspidando, tocou-lhe na língua²⁷. E, levantando os olhos ao céu, suspirou e disse: Efatá²⁸, isto é, abre-te (Marcos 7:33, 34; ERC).

Por que Jesus pôs os dedos nos ouvidos do homem? Por que Ele cuspiu? O texto não explica. Como esses atos não se repetem em outras curas similares, devem ser considerados secundários em relação a tudo que Ele fez. Por outro lado, o “suspiro” com os olhos voltados para o céu é significativo: permite-nos saber que o Senhor não curava mecanicamente, sem emoção²⁹; Seu coração se comovia com cada pessoa que sofria de uma doença física

²³Esta multidão tinha uma composição diferente da anterior, na margem oriental do mar da Galiléia (os cinco mil). Aquela multidão seguira Jesus desde Cafarnaum e compunha-se na maior parte de judeus. Esta multidão procedia do território de Decápolis e compunha-se basicamente de gentios.

²⁴O texto original diz que os “mutilados” ficaram “inteiros”. Sabemos o que aconteceria se levássemos um homem sem um braço para um dos chamados “cultos de cura” que acontecem hoje em dia.

²⁵A expressão “o Deus de Israel” é outra prova de que a maior parte do público compunha-se de gentios.

²⁶Aparentemente, a dificuldade na fala não era meramente devida à incapacidade de ouvir. Marcos 7:35 diz que ele tinha um “empecilho na língua”.

²⁷A ERA contém o acréscimo dos tradutores: “com saliva”, expressão que não consta do texto original, o qual não indica onde Cristo teria cuspidado, nem diz o que Ele fez (se é que fez alguma coisa) com a saliva.

²⁸Esse é um termo aramaico.

²⁹Poderíamos dizer: “Ele não acionava o piloto automático para realizar as curas”.

ou espiritual. Certo escritor disse que Cristo pode ter suspirado “porque Ele pensava nos milhões de surdos e mudos existentes neste mundo que jamais ouviriam nem falaria”³⁰.

Depois que Jesus disse: “Abre-te!”, “abriram-se-lhe os ouvidos, e logo se lhe soltou o empecilho da língua, e falava desembaraçadamente” (Marcos 7:35). As pessoas “maravilhavam-se sobremaneira, dizendo: Tudo ele tem feito esplendidamente bem” (Marcos 7:37).

Quando Jesus finalmente saiu daquele território, Ele deixou ali pessoas prontas para receber o evangelho³¹. Se você e eu reagirmos da maneira certa às interrupções, exibiremos o espírito do Senhor—e isto poderá abrir a porta para o ensino do evangelho aos que nos interromperem. Pense nisto.

INTERROMPIDO POR UMA CRISE

(MATEUS 15:32–38; MARCOS 7:36; 8:1–9)

Anteriormente, Jesus instruíra um homem curado a contar a todos o que lhe sucedera (Marcos 5:19). Desta vez, porém, Ele “lhes ordenou que a ninguém o dissessem” (Marcos 7:36a; grifo meu)—porque Seu propósito era outro. Agora Ele precisava de tempo a sós com os apóstolos.

Como sempre, o pedido de Jesus não foi atendido, e Sua fama alastrou-se por toda a região (veja Marcos 7:36b). O número de pessoas que o cercavam cresceu até que “outra vez se reuniu grande multidão” (Marcos 8:1a): cerca de “quatro mil homens, além de mulheres e crianças” (Mateus 15:38). É provável que houvesse entre oito e doze mil presentes, alguns dos quais vindos “de longe” (Marcos 8:3).

Uma Interrupção Incômoda

Mais uma vez, Jesus foi gentil quando O interromperam—mesmo quando essas interrupções já se estendiam por três dias (Mateus 15:32; Marcos 8:2). O texto bíblico não revela detalhes a respeito de três dias, mas sem dúvida Ele continuou ensinando e curando³².

³⁰J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 403. A referência de McGarvey foi a Frederic W. Farrar, *The Life of Christ* (“A Vida de Cristo”). Nova York: Cassell & Co., 1885, pp. 229–30.

³¹Quando a igreja dispersou-se de Jerusalém (Atos 8:1–4), os cristãos passaram pela região ao redor da Palestina (Atos 8:2, 5; 11:19). Os corações de muitos desses habitantes foram receptivos por causa do trabalho realizado ali anteriormente por João Batista, Jesus e os apóstolos.

³²Compare isto com o que Ele fez antes com os cinco mil (Marcos 6:34; Mateus 14:14).

Ao contrário da multidão que seguiu Jesus a partir de Cafarnaum³³, esta multidão veio preparada trazendo provisões—mas, passando três dias, acabaram-se os suprimentos. A essa altura, a natureza da interrupção mudou: precisavam urgentemente de alimento!

Um Intervalo Benéfico

Fazendo jus à Sua natureza, o Senhor transformou mais uma vez uma interrupção incômoda num intervalo benéfico. Reforçando uma lição anterior, Ele apresentou primeiramente o problema aos apóstolos (Mateus 15:32; Marcos 8:1–3). Ao que, na verdade, disseram: “Não fazemos idéia de como resolver este dilema” (veja Mateus 15:33; Marcos 8:4)!

Alguns comentaristas julgam difícil acreditar que os apóstolos pudessem ter se esquecido tão rapidamente da multiplicação aos cinco mil. Concluem, então, que o relato da multiplicação aos cinco mil e o da multiplicação aos quatro mil são apenas variações do mesmo episódio. Nada justifica essa conclusão.

Em primeiro lugar, Mateus e Marcos registraram os *dois* milagres—e eles não estavam anotando histórias ocorridas há décadas. Mateus escreveu como uma testemunha ocular, pois era um dos apóstolos. O relato de Marcos baseou-se no depoimento de uma testemunha ocular (a saber Pedro³⁴, um dos apóstolos).

Em segundo lugar, Jesus referiu-Se posteriormente aos *dois* milagres durante uma admoestação aos Seus discípulos (Mateus 16:9, 10; Marcos 8:19, 20).

Em terceiro lugar, embora haja semelhanças entre os dois episódios, há também diferenças:

1) Os lugares eram diferentes. A primeira multiplicação foi perto do extremo norte do mar da Galiléia; a segunda foi perto do extremo sul.

2) As multidões eram diferentes. A primeira compunha-se na maior parte de judeus; a segunda compunha-se mais de gentios.

3) Os tamanhos das multidões eram diferentes—cinco mil e quatro mil homens.

4) Os tempos eram diferentes. A primeira multidão estava ali havia um dia; a segunda, havia três dias.

5) Os motivos que geraram a necessidade de alimento eram diferentes. A primeira multidão não tinha levado comida; a segunda consumira tudo o que havia levado.

6) Os recursos disponíveis eram diferentes. Cinco pães e dois peixes no primeiro milagre, e sete pães e alguns peixes no segundo milagre.

7) As ferramentas usadas eram diferentes. Foram usados doze cestos pequenos no primeiro incidente e sete cestos grandes³⁵, no segundo.

Outras diferenças poderiam ser discriminadas: a primeira multidão sentou-se na relva (Mateus 14:19; Marcos 6:39), enquanto a segunda sentou-se no chão (Mateus 15:35; Marcos 8:6). A primeira multidão tentou aclamar Jesus rei; não houve reação semelhante por parte da segunda multidão. Todos que acreditam na inspiração divina da Bíblia hão de concluir que foram dois incidentes distintos. Nesse caso, então, como se explica a reação dos apóstolos?

O fato é que geralmente levava mais de uma vez para os discípulos entenderem uma nova verdade³⁶. Devo admitir que são necessárias várias repetições até que *eu* entenda alguma coisa nova. Admita ou não, isto também pode se aplicar a você. Que paciência Jesus teve de revisar com Seus alunos as mesmas verdades vez após vez! Também é interessante observarmos que a fome não era um desconhecido para Jesus e os apóstolos; na maioria das vezes, Jesus não aliviou a fome com um milagre (veja João 4:6, 8, 31). Além disso, os apóstolos podem ter entendido a repreensão logo após a alimentação dos cinco mil (João 6:26, 27) como um indicador de que Ele não realizaria esse milagre outra vez. Levando em conta todos esses fatores, a reposta dos apóstolos não foi tão estranha quanto nos pareceu à primeira vista.

Você sabe o resto da história: mais uma vez, Jesus alimentou miraculosamente o povo (Mateus 15:34–38; Marcos 8:5–9). Tenhamos em mente que Ele não fez isso meramente para aliviar a fome, mas também para ensinar aos doze uma lição necessária. (Ainda veremos mais sobre isto na próxima lição.)

Por enquanto, aprendamos uma coisa: muitas vezes, uma interrupção pode contribuir para o nosso propósito geral, ao invés de prejudicá-lo. Por isso, quando formos surpreendidos por uma interrupção, analisemos primeiramente como ela se encaixa no que já planejamos. Talvez venhamos a descobrir que o Senhor planeja melhor do que nós!

³⁵Na segunda multiplicação é usada uma palavra grega diferente para “cesto”. A palavra “cesto” na multiplicação aos quatro mil significa “um cesto *grande*”. Esses cestos eram às vezes grandes o suficiente para comportar um homem.

³⁶J. W. McGarvey escreveu que “não esperar um milagre, apesar da experiência anterior, foi uma reação recorrente na história de Israel e dos doze [veja Números 11:21–23; Salmos 78:19, 20]” (McGarvey e Pendelton, p. 405).

³³Leia Mateus 14:13, 14; Marcos 6:32–34; Lucas 9:10, 11.

³⁴Reveja as páginas 17 e 18 de “A Vida de Cristo—Parte 1”.

CONCLUSÃO

Jesus não abriu mão do desejo de ficar a sós com os apóstolos. Tendo alimentado a multidão, despediu-a e foi de barco para a margem oeste do mar (Mateus 15:39; Marcos 8:9, 10). Podemos ter certeza de dois fatos: surgiriam outras interrupções (Mateus 15:39; 16:1; Marcos 8:10, 11), e Cristo sempre transformaria essas interrupções incômodas em intervalos benéficos.

Alguém escreveu que a vida é o que “realmente nos acontece enquanto estamos fazendo outros planos”³⁷. Poderíamos adaptar esse dito para: “A vida é o que acontece quando nossos planos cuidadosamente traçados são interrompidos”. Que Deus nos ajude a sermos mais gentis diante das interrupções—e elas vão acontecer—e a aprendermos com Jesus a transformar interrupções desagradáveis em intervalos poderosos no curso de nossas vidas!

Notas

Se preferir um título mais longo, longo, esta lição poderá se chamar “Transformando as Interrupções Incômodas em Intervalos Benéficos”, ou se preferir um mais curto, tente: “Lidando com Interrupções”.

Cada uma das três histórias poderia servir de base para um sermão.

História 1

Nas páginas seguintes, há um sermão sobre os fariseus acusando os discípulos de Jesus de desrespeitar uma tradição. Essa história pode ser desenvolvida de várias maneiras. Aqui está um esboço ilustrativo:

- I. A Acusação (Mateus 15:1, 2; Marcos 7:1–5).
- II. A Resposta (Mateus 15:3–9; Marcos 7:6–13).
- III. A Aplicação (Mateus 15:10–20; Marcos 7:14–23).

Você pode pregar sobre “O Dia em que Jesus Escandalizou os Fariseus”³⁸, expondo idéias semelhantes a estas:

- I. Os fariseus se escandalizaram com o ensino de Jesus sobre as tradições muitas vezes tomarem o lugar da Palavra de Deus (Mateus 15:3–6).
- II. Eles se escandalizaram com o ensino de Jesus sobre as formas exteriores serem secundárias (vv. 7, 8).

³⁷Robert Lawrence Balzer, citado em Leonard Louis Levinson, *Webster's Unafraid Dictionary*. Nova York: Collier Books, 1967, p. 138.

³⁸Veja o artigo “Quando os fariseus se escandalizaram”, na página 43.

- III. Eles se escandalizaram com o ensino de Jesus sobre a inutilidade de expressões de adoração inventadas por homens (v. 9).
- IV. Eles se escandalizaram com o ensino de Jesus sobre o estado do coração ser mais importante do que a limpeza das mãos (vv. 10, 11, 15–20).
- V. Eles se escandalizaram com o ensino de Jesus sobre as instituições criadas por homens serem condenadas (v. 13).
- VI. Eles se escandalizaram com o ensino de Jesus sobre a sinceridade sozinha ser insuficiente (v. 14)³⁹.

Quando Richard Rogers ensinou sobre esta história, no fim, ele destacou as seguintes lições espirituais:

- Os inimigos da verdade geralmente são pessoas religiosas que vivem segundo tradições de homens.
- Devemos tomar cuidado com qualquer sistema religioso que justifique o pecado e desobedeça à Palavra de Deus.
- Devemos tomar cuidado com expressões de adoração que procedem só dos lábios, e não do coração.
- Se aprimorarmos o homem interior, o homem exterior será o que Deus quer que ele seja. A verdadeira santidade vem de dentro.
- É difícil livrar-se das tradições. Algo dentro de nós quer agarrar-se ao passado e não mudar nada. Até Pedro teve de aprender essa lição duas vezes!⁴⁰

Segmentos menores da história da acusação dos fariseus poderiam servir de base para sermões. 1) Por exemplo, a ilustração do “Corbã” poderia ser usada como uma introdução para uma apresentação sobre “Por que não cuidamos dos nossos pais como deveríamos?” Não temos mais a desculpa do “Corbã”, mas as pessoas ainda usam desculpas, como “isto não é na verdade responsabilidade minha”. 2) A citação de Isaías poderia fornecer material para um sermão sobre “A Adoração Vazia”. Alguns acreditam que toda e qualquer expressão de adoração é aceitável a Deus, mas este texto declara que a adoração é vã ou vazia se a Palavra de Deus não for honrada, ou se não proceder do coração. A primeira seção permitiria uma pregação sobre desvios do modelo de adoração do Novo Testamento. A segunda seção se aplicaria à congregação. 3) Finalmente, as palavras de Cristo em Mateus 15:18–20a e

³⁹Adaptado de Alger Fitch, *Preaching Christ* (“Pregando a Cristo”). Joplin, Mo.: College Press, 1992, p. 79.

⁴⁰Richard Rogers, *Behold Your King—Book of Matthew* (“Eis o Vosso Rei—O Livro de Mateus”). Lubbock, Tex.: Sunset Study Series, s.d., p. 19.

Marcos 7:20–23 poderiam ser usadas para uma pregação sobre “O Que Contamina o Homem?” Vários comentários bíblicos contêm material sobre cada um dos pecados citados.

História 2

O relato da mulher siro-fenícia daria um excelente sermão. Como já declarei nesta lição, gosto muito dessa história. O sermão que vem a seguir provavelmente teria focado esse incidente, se eu não tivesse percebido a necessidade de uma apresentação exclusiva sobre “tradições”. A primeira metade de um sermão sobre esse episódio poderia ser a narração dramatizada da história, a segunda metade poderia explorar por que Jesus falou daquela maneira e depois fazer uma aplicação relativa à necessidade de termos o tipo de fé que a mulher tinha.

História 3

O milagre da multiplicação aos quatro mil homens tem sido ofuscado pelo milagre da multiplicação aos cinco mil. Inúmeros sermões já foram pregados sobre este, mas poucos sobre aquele. Se você nunca pregou sobre esse milagre antes, pode optar por ser “diferente” e pregar desta vez sobre a multiplicação aos quatro mil. As mesmas idéias básicas podem ser usadas em ambos os episódios.

Outra Opção

Pode-se fazer um sermão baseado em Marcos 7:37: “Tudo Ele tem feito esplendidamente bem”. Depois de se descrever o cenário, pode-se destacar a verdade geral contida nessa afirmação: o Senhor *sempre* faz “tudo esplendidamente bem”. A seguir,

pode escolher áreas especiais que você deseja enfatizar: Ele fez bem a criação; Ele fez bem ao instituir o casamento e o lar; Ele fez bem ao prover-nos a Bíblia; Ele fez bem ao descer à terra para morrer por nós; Ele fez bem ao nos revelar quais são as condições para sermos salvos; Ele fez bem ao estabelecer a Sua igreja; e assim por diante.

“Uma Migalha de Misericórdia”

[A cura da mulher siro-fenícia] foi... uma migalha de misericórdia caindo no mundo gentílico como aconteceu muitas vezes na época do Antigo Testamento.

Edmund P. Clowney, Jr.

Uma Coisa De Que Todos Nós Precisamos

Todos nós temos recebido a graça de Deus. Aqui estão três textos sobre os quais devemos refletir:

- “Que tens tu que não tenhas recebido?” (1 Coríntios 4:7).
- “Pela graça de Deus, sou o que sou” (1 Coríntios 15:10a).
- “...todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo” (1 Coríntios 15:10b).

Sejamos gratos a Deus por Sua graça—e estejamos determinados a responder com gratidão e amor (Romanos 2:4; 1 João 5:3). Não fosse pela graça de Deus, nenhum de nós poderia ser salvo (Efésios 2:8, 9)!

Autor: David Roper
© Copyright 2007 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS